

Quando a bolinha é um problema

Cachorros podem se viciar em brincadeiras, ignorando outros estímulos, como alimentação e o próprio tutor. O comportamento leva à exaustão e a lesões e deve ser combatido com o reforço positivo e alternância de atividades

» PALOMA OLIVETO

Cachorros são brincalhões por natureza, mas, por mais saudável que seja a atividade, alguns podem desenvolver um comportamento viciante, comparável às dependências humanas. Pesquisadores da Universidade de Berna, na Suíça, e do Instituto Messerli, em Viena, identificaram em cães com “motivação extrema por brinquedos” traços que se encaixam nos principais critérios de adição, como fissura e perda de controle.

A equipe coordenada por Stefanie Riemer, especialista em comportamento animal, avaliou 105 cães com alto interesse por brinquedos. Desses, 33 demonstraram padrões compatíveis com o que os autores classificaram como “comportamento aditivo”, ou seja, uma fixação tão intensa que chega a interferir em outras dimensões da vida do animal. “Esses cães têm comportamentos que lembram as adições humanas: eles se tornam incapazes de se afastar do brinquedo, ignoram estímulos alternativos e podem continuar jogando ou mordendo, até o ponto de exaustão ou ferimento”, explica Riemer.

Os cientistas partiram de um conceito consolidado na psiquiatria: as adições comportamentais se caracterizam pela incapacidade de resistir ao impulso de realizar uma atividade prazerosa, mesmo quando isso traz prejuízos. Assim como o jogo e os videogames podem viciar humanos, a brincadeira pode sair do controle entre os cães.

“Os cães de trabalho, especialmente os treinados com recompensas baseadas em brinquedos, foram super-representados entre os que mostraram tendência aditiva”, narra Alja Mazzini, primeira autora do estudo. Segundo ela, a seleção artificial de raças para tarefas que exigem foco e persistência — como farejadores, pastores e de busca — pode ter reforçado esse tipo de motivação. “Ao longo de gerações, selecionamos cães que nunca desistem da bola. Mas, para alguns indivíduos, isso se transforma em algo patológico”, observa.

StockCake/Divulgação



A adição comportamental se caracteriza pela incapacidade de resistir ao impulso de realizar uma atividade prazerosa

Arquivo pessoal



Aos 11 anos e mesmo com uma lesão na coluna, o salsichinha Fubá não para de correr atrás de uma bolinha

Fique de olho

Fabiana Volkweis, professora de medicina veterinária do Ceub, diz o que o tutor deve observar para saber se o cão está passando dos limites. Ele deve ficar atento a sinais como:

- » Ignorar comida, pessoas ou outros estímulos quando há um brinquedo envolvido;
- » Buscar o brinquedo

- insistentemente mesmo após longo tempo de brincadeira;
- » Demonstrar ansiedade, latidos excessivos ou agitação intensa

- quando o brinquedo é guardado;
- » Perder o interesse por atividades rotineiras, como passeios ou interações sociais.

Testes

Os cães foram submetidos a uma bateria de 14 testes que mediam aspectos como autodomínio, desejo pelo brinquedo e capacidade de se concentrar em outros estímulos, como comida ou interação com o tutor. Em um dos experimentos, o objeto preferido era colocado em uma caixa fechada, inacessível. Muitos animais — especialmente os classificados como “altamente aditivos” — ignoraram a ração disponível e permaneceram tentando alcançar o alvo do desejo por vários minutos, demonstrando frustração, vocalizações e movimentos repetitivos.

Os autores elaboraram dois índices para medir essa tendência: o Addictive-like Behaviour Test score (AB-T), baseado nas observações comportamentais, e o Addictive-like Behaviour Questionnaire score (AB-Q), um questionário respondido pelos tutores. A correlação entre ambos foi significativa: cães com altos escores nos testes também eram descritos pelos humanos como “viciados em bola”, “incansáveis” ou “difíceis de interromper durante a brincadeira”.

As semelhanças não se limitam ao comportamento. Segundo os pesquisadores, o circuito de recompensa ativado pelo brincar — mediado por dopamina,

endocanabinoides e opioides — é o mesmo envolvido nas adições humanas. “O jogo ativa sistemas cerebrais de prazer e motivação conservados entre os mamíferos”, explicou, em nota, Federico Monteleone, coautor do artigo. “O que observamos nos cães é uma versão natural de um processo que, em humanos, pode levar ao vício em jogos e redes sociais.”

Ainda assim, Riemer ressalta que o estudo não pretende patologizar o comportamento lúdico. “A maioria dos cães adora brincar, e isso é saudável. Só em casos extremos — quando o animal ignora dor, comida ou contato social para continuar jogando — podemos falar em algo próximo de

uma adição”, pondera Renner. “Há relatos de cães que ficam agitados, giram em círculos, choram ou latem incessantemente se não conseguem o brinquedo. Isso indica sofrimento emocional.” Segundo o especialista, a repetição de jogos intensos de busca, como arremessar bolas inúmeras vezes, pode causar lesões ortopédicas, aumento da ansiedade e frustração quando o brinquedo é retirado.

O dachshund Fubá, 11 anos, é viciado em bolinhas e, mesmo com uma lesão que exigiu numerosas sessões de fisioterapia, insível. Só em casos extremos — quando o animal ignora dor, comida ou contato social para continuar jogando — podemos falar em algo próximo de

quer correr para buscá-la sem parar. “Ele sempre foi assim, desde filhote. É uma espécie de fixação mesmo”, relata. “De tanto brincar exageradamente, ele desenvolveu uma hérnia na coluna e, desde então, todas as bolinhas da casa estão escondidas. Ele não cansa, não para, é como um vício.”

Reforço

Os autores recomendam variar as formas de reforço — alternando brinquedos, carinhos e recompensas alimentares — e introduzir pausas que permitam ao animal relaxar. “Precisamos repensar o conceito de ‘cão feliz é o que brinca o tempo todo’. O equilíbrio é fundamental para o bem-estar físico e psicológico”, acrescentou Mazzini.

“Em casos de apego excessivo às brincadeiras, a variação de estímulos é o ponto-chave. É importante criar momentos de tranquilidade e descanso, recompensando positivamente o animal nesses períodos para que ele associe esse comportamento ao bem-estar”, ensina Fabiana Volkweis, professora de medicina veterinária do Ceub. “Também é indicado oferecer outros tipos de atividades, como passeios exploratórios com liberdade para cheirar (o olfato é um excelente canal sensorial), brinquedos de enriquecimento alimentar (comedouros lentos ou kongs com petiscos) e brincadeiras sociais com outros cães ou tutores. Essa variação ajuda a reduzir a fixação por um único tipo de estímulo.”

Os autores do estudo da Universidade de Berna e do Instituto Messerli afirmam que, além de fornecer evidências sobre a adição por brincadeiras, a pesquisa sugere que os cães podem ser o primeiro modelo animal espontâneo de vício comportamental, sem indução laboratorial. Isso abre novas possibilidades para o estudo das bases neurobiológicas da dependência em atividades prazerosas. “Os cães compartilham conosco ambientes domésticos, vínculos sociais e uma motivação intrínseca por brincar. Essa proximidade torna-os ideais para investigar como a busca por prazer pode escapar do controle”, destacou Riemer.

Quatro perguntas para a especialista

Kássia Vieira, médica veterinária e professora de comportamento e bem-estar animal na Universidade Católica de Brasília (UCB)

O estudo sugere que alguns cães parecem “viciados” em bolas ou brinquedos. Esse termo é adequado para descrever um comportamento animal?

A gente usa esse termo “viciado” para os animais também, especialmente para os domésticos, em algumas situações, porque o mecanismo fisiológico é muito parecido com o que acontece nos humanos, é uma busca pela dopamina. Os animais buscam essa liberação de dopamina, que é um neurotransmissor produzido no cérebro e que age no corpo, dando uma sensação de recompensa. E o vício tem essa busca constante por dopamina e por essa sensação de recompensa. Além do mecanismo fisiológico, as características de um comportamento viciado em um cachorro são parecidas com as de um humano: ficar fissurado em um objeto específico, ficar frustrado se não tiver aquele objeto, ficar estressado ou ansioso por

não poder acessá-lo. Quando tem o objeto, às vezes ignora outras necessidades. Esses são alguns dos sinais que acontecem em humanos e também nos animais.

A brincadeira excessiva pode estar associada à ansiedade e ao estresse?

A brincadeira excessiva não se refere necessariamente à quantidade de tempo, porque se o animal não demonstra estar fissurado ou agitado demais, quanto mais ele brincar, melhor. É natural, os animais querem brincar o tempo todo. A questão é o estado em que o animal está brincando. Se esse estado é de excitação muito elevada e o animal apresenta estresse, ansiedade, frustração, e deixa de fazer outras coisas para continuar brincando, se ele termina a brincadeira mais estressado e inquieto em vez de relaxado, aí, sim, vemos um problema.

Em casos de apego excessivo a uma brincadeira, é melhor oferecer outros estímulos, como passeios e cheiros diferentes?

A brincadeira, dependendo do estado do animal e do tipo de

Arquivo pessoal



atividade ou da forma como ele lida com o objeto, pode aumentar o estresse ou a ansiedade. Por outro lado, às vezes o animal já está ansioso, por exemplo, quando

fica muito tempo sozinho e não gasta energia. Nesses casos, não é a brincadeira que o deixa ansioso; ele já está assim, acumulando energia. Por isso, quando se fala

em oferecer outros estímulos, é isso que deve ser feito. Não é tirar a brincadeira, e sim oferecer outras formas de estímulo para que o animal gaste energia e não fique com hiperfoco em uma única atividade. É importante passear várias vezes por dia, permitir o contato com outros cachorros e animais, usar brinquedos associados à alimentação. Enfim, oferecer diferentes estímulos para que ele não tenha apenas uma fonte de liberação de dopamina, porque, caso contrário, a chance de desenvolver um comportamento viciado é maior. E o tratamento não tem a ver com o objeto ou a brincadeira em si, mas com o estado emocional do animal.

Existe tratamento ou treinamento para reduzir esse tipo de comportamento?

O treinamento deve envolver o uso do brinquedo ao qual ele tem apego, com alguma atividade que ajude a regular o comportamento. Por exemplo, o brinquedo ou a bolinha só devem ser oferecidos quando ele fizer algo, aprendendo uma forma de associação positiva, como receber um petisco

ou um carinho. Quando ele relaxar, aí, sim, se dá o brinquedo. Não é bom ficar jogando insistentemente a bolinha. Quando ele estiver em um estado mais calmo, o brinquedo é oferecido. Assim, há uma regulação de qual é o estado em que ele pode brincar com isso ou não. Ajudar o animal a desenvolver autocontrole é essencial.

É preciso consultar um profissional em comportamento animal?

Esse é um processo de treinamento diário, que leva tempo, dependendo do caso. Por isso, é importante que o animal tenha acompanhamento de um profissional, um adestrador ou um veterinário comportamentalista, alguém que possa montar um plano específico e entender qual forma de tratamento é mais adequada para aquele animal. Além disso, é fundamental regular a ansiedade de modo geral, com atividades que gastem energia e ofereçam diferentes estímulos, evitando que o animal fique muito tempo sozinho. Assim, a qualidade de vida dele melhora como um todo. **(PO)**